

TOP! TOP!



24

EXCLUSIVA COM

MARCIO BARALDI

UM RAIO-X NA CARREIRA DO CARTUNISTA MAIS AGITADO DO BRASIL!





As Bigornadas de Marcio Baraldi para o sítio Bigorna.net





Mais uma edição de peso de nosso fanzine, que traz uma radiografia da obra do multimídia Marcio Baraldi. O premiado quadrinista nos conta como faz para produzir tanto e atuar em vários órgãos de imprensa ao mesmo tempo.

Aproveitamos o início do ano para mais um balanço de nossas atividades, com reflexões sobre o meio.

Capas. Marcio Baraldi

3. Cartum. Sergio Más

4. Raio-x de Baraldi: As peripécias do cartunista mais agitado do Brasil! Entrevista com Henrique Magalhães

14. Cartuns e quadrinhos. Marcio Baraldi

24. Marca de Fantasia: À controvérsia, as conquistas. HM

32. Quadrinhos pernambucanos em evidência

35. Ju & Jigá. Edgard Guimarães

37. Chamada Geral

40. Lero-lero

Top! Top!

Nº 24, janeiro de 2008. ISSN 1415-8558



Publicação da editora

Marca de Fantasia

Editor: Henrique Magalhães. Av. Maria Elizabeth, 87/407. João Pessoa, PB. 58045-180.

www.marcadefantasia.com.br, contato@marcadefantasia.com.br

Colaboração: Edgard Guimarães, José Valcir, Leonardo Santana, Marcio Baraldi, Sergio Más.

Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

A editora Marca de Fantasia é uma atividade do Grupo Artesanal (CNPJ 09.193.756/0001-79) e um projeto de extensão do Departamento de Comunicação e Turismo da Universidade Federal da Paraíba.

RAIO-X DE BARALDI

As peripécias do cartunista mais agitado do Brasil!



Baraldão encarna
Roko-Loko com seus
livros e videogame

A história de Marcio Baraldi daria uma boa história em quadrinhos de aventura. Obcecado pelo trabalho, produz alucinadamente quadrinhos e cartuns para várias revistas e jornais ao mesmo tempo, além de participar como cartunista e articulista do sítio *www.bigorna.net*. Seus personagens já conquistaram um público fiel e crescente. Os álbuns *Roko-Loko* e *Adrina-Lina* ganharam prêmios nacionais e geraram outros produtos da cultura pop, como videogame e boneco.

Baraldi publicou *Todas as cores do humor*, primeiro livro de cartuns com temática homossexual com enfoque não preconceituoso ou estereotipado. Fez o primeiro personagem tatuador dos quadrinhos, o primeiro rapper, o primeiro roqueiro legítimo, o primeiro super-herói travesti, ou seja, uma legião de figuras excluídas do universo majoritariamente ascético dos quadrinhos.

Sendo uma personalidade tão excêntrica, não nos surpreende se o próprio Baraldi venha a se transformar num de seus personagens. Ou talvez ele já esteja um pouco em cada um deles. Respostas a esta e outras questões encontram-se na entrevista a seguir, onde Baraldi se mostra por inteiro e pelo avesso.

Fale-nos de sua origem e sua formação.

Nasci em Santo André, no ABC paulista, em fins dos anos 1960. Nasci em plena ditadura, na região mais politizada do Brasil. Sou filho de um casal operário típico do ABC da época



Caricatura de Baraldi, por Julio Shimamoto

e, com exceção da faculdade, sempre estudei em escola pública. Fiz colégio técnico em Desenho Mecânico e faculdade de Artes Plásticas.

Qual sua formação na área das artes gráficas?

Só a faculdade mesmo. O resto foi na raça!

Qual foi seu primeiro contato com os quadrinhos? Quais autores influenciaram seu trabalho?

Eu aprendi a ler aos 5 anos com três professores: Maurício de Sousa, Ziraldo e Monteiro Lobato. E minha mãe, claro, que teve a paciência de me dar um alfabetizada básica de tanto que eu enchia o saco pra me ensinar a ler os gibis da *Turma da Mônica* e *Pererê!*

Esses três artistas são meus mestres ontem, hoje e sempre!

Quando e onde você começou a publicar quadrinhos e cartuns?

Eu comecei em 1983 no *Sindiquim*, jornal do Sindicato dos Químicos do ABC, como chargista. Lá aprendi a fazer charges políticas, cartuns, tiras e HQs. Foi minha grande escola na profissão e trabalho lá até hoje, além de ter mais uns 50 empregos (risos)!

Como boa parte de sua geração, você passou pela auto-edição, pela imprensa alternativa, pelo fanzine?

Com certeza! A imprensa sindical, quando eu comecei, era muito básica, muito “faça-você mesmo”. Lá, além de fazer as charges, eu aprendi a escrever e produzir um boletim

inteiro, cartazes, adesivos, filipetas etc. Isso me deu uma base pra fazer meus próprios fanzines, onde eu falava de rock, xingava o governo, inventava muitas besteiras como receitas de bolos explosivos e pautas de reivindicações absurdas como “motel grátis para os trabalhadores” e “Vale-Puteiro”! (risos) Eram fanzines que recebiam nomes simpáticos como *Udigrudi* (original, não?), *Almanaque Degradante* e *Voz da Inutilidade*, uma paródia do *Voz da Unidade*, um jornal de esquerda da época.

Você acha importante esse tipo de publicação fora do mercado?



Baraldão em ação em sua super-prancheta, cercado das revistas que ele ilustra todo mês

Claro, onde mais você exigir Vale-Puteiro do governo (risos)?!? Só no fanzine mesmo!

Fanzine é para isso mesmo, para você exercitar sua criatividade, tentar o novo sem se preocupar com bosta nenhuma, se vai vender ou não. Basta lembrar que a *Casseta e Planeta* começaram como fanzines e conseguiram crescer e até entrar na Globo fazendo um humor livre e desencanado. Na Globo eles já não são tão livres, mas na revista deles era esculacho pra todo lado, tipo Barão de Itararé. Que por sinal também foi o rei da imprensa alternativa de sua época e criou um humor totalmente livre, original e rebelde. As coisas mais interessantes estão fora do grande mercado ou começaram fora dele.

Há possibilidade de se entrar no mercado por intermédio dos fanzines?

Lógico! Tanto que eu citei o caso da *Casseta* e posso dizer que 99% dos cartunistas do planeta começaram suas carreiras em fanzines ou imprensas alternativas, menores. Os que não entraram é porque não quiseram, não gostaram ou não tiveram empenho (ou talento)



suficiente.

Seu trabalho ocupa um veio próprio no meio das artes gráficas, com predominância de uma estética psicodélica pelo uso extravagante das cores e pela abundância de detalhes. Você assimilou elementos da arte pop, da cultura hippie?

Não, nunca me liguei nisso! Entrei na faculdade de Artes Plásticas quando eu já tinha sete anos de carreira como cartunista. Então, praticamente o que eu fiz na faculdade foi pegar as técnicas de pintura que aprendi lá e aplicá-las no meu cartum. Tudo na prática! Não sou um sujeito teórico, acadêmico. Eu sempre pintei com cores fortes porque a arte do sujeito é um reflexo da personalidade dele. Uma pessoa tímida escreve com letras miudinhas, uma expansiva, com letras grandes e soltas. Pra desenhar e pintar é a mesma coisa. Eu pinto com muitas cores fortes porque minha personalidade é forte e colorida mesmo. Você vê o desenho do Robert Crumb, por exemplo, sempre foi aquela coisa escura, rançosa, neurótica. Por que? Porque o cara é cinza, rançoso, neurótico mesmo! O desenho tem a cara dele. O meu é um retrato fiel do Marcio Baraldi!

Você tem ou teve alguma relação com a geração do Pasquim e, depois,

com o grupo da editora Circo?

Não, nada com nenhuma dessas duas gerações. Não publiquei em nenhum dos dois veículos nem sou amigo de ninguém deles. Da geração do *Pasquim*, como eu disse, sou grande fã do Ziraldo, os demais eu respeito, mas nunca me liguei muito. Eu não faço parte de turma nem de geração nenhuma. Sou um extraterrestre que caiu no Quadrinho Brasileiro (gargalhadas)!

Você tem um trabalho exaustivo. Tem idéia em quantas revistas publicou desde o início da carreira? Pode citar todas elas?

Citar todas é realmente impossível. Daria umas dez entrevistas (risos). Mas o que eu posso te dizer é que acabo de completar DEZ METROS de publicação. Ou seja, juntando todas as revistas que já illustrei dá uma pilha de dez metros de altura! É um marca muito legal e não é qualquer um que chega nela. Até fiz umas fotos xaropes pra tirar uma onda. Nessa pilha tem revista de tudo, maluco: de manual de mecânica de automóvel até revista de receita de bolo, passando por eróticas, roqueiras, de tatuagem, infantis, adolescentes, de política, espíritas e o que mais você puder imaginar.

Seu trabalho circula em diversas publicações simultaneamente. Você se adapta ao estilo da publicação ou o conteúdo se adapta ao seu estilo?

Boa pergunta! Acho que eu começo me adaptando ao conteúdo, afinal



Baraldão e seu pôster do Stan Lee autografado pelo mestre!

sou novo na casa. Depois quando vou ver o meu trabalho já está dando “a cara” pra revista, ou seja, já está criando uma nova personalidade, mais alegre, pra revista.

Seus quadrinhos voltados para o universo das bandas de rock são muito originais. Você já publicou em revistas fora do país?

Com certeza! Além das sete revistas brasileiras que eu faço, ainda desenho pra uma de Portugal (*Metal Heart*) e uma do Equador (*Headbanger Magazine*). Meus quadrinhos também estão em vários sites roqueiros de Portugal. Agora com a internet você

fica internacional mesmo que não queira (risos)!

Sua versatilidade vai do cartum à ilustração, dos jogos eletrônicos à figura de ação (boneco, miniatura). Como você faz pra dominar tantas técnicas e linguagens? Você terceiriza a parte técnica dessas produções?

Eu me associo às empresas/parceiros certos. Desenhar, escrever e editar eu faço tudo sozinho, nunca tive ajudante nenhum. Mas pra fazer os bonecos eu contrato uma empresa que os produz pra mim, com base nos modelos (model-sheets) que eu passo pra ela. O vídeo-game também: eu boleei a história e fiz todos os desenhos



Capa da versão ampliada do Game-DVD Roko-Loko no castelo de Ratozinger

e duas empresas especializadas os produziram pra mim, tanto a versão para PC quanto a de celular.

Eu vou aprendendo a fazer esses produtos na raça, fazendo mesmo! Errando e acertando. Sou ariano com ascendente touro, então não tem método didático melhor que esse pra um cabeça-dura como eu (risos)!

Você pretende trabalhar com animação?

Já fiz algumas coisas comerciais, como uma vinheta do Roko-Loko que passa o tempo todo na webTV ALLTV (www.alltv.com.br), abertura do programa de rock *Sleevvers* e mais umas coisinhas por aí. Ainda não entrei nesse mercado pra valer, pois dá muito trampo e gasta-se muito, mas vou acabar entrando. Meus personagens, modéstia a parte, ficam ótimos em animações.

O que acha de licenciamento de personagens? Isso está em seus planos?

Eu quero colocar meus personagens no máximo de produtos que eu conseguir. Já fiz livros, bonecos, games, camisetas. Agora vou atacar com as palhetas, pôsteres, adesivos, bonés e chaveiros do Roko-Loko. Mas eu não licenciei pra nenhuma empresa até o momento, preciso estudar melhor essa matéria. Por enquanto eu vou bancando e administrando tudo sozinho, assim eu desenvolvo meu lado empresário também, o que é muito positivo para minha vida como



Raul Seixas, no traço de Baraldi, no álbum *Humortífero*

um todo. Eu ainda estou muito fiel ao meu velho e punk lema de vida “faça você mesmo!”.

Você trabalha desordenadamente ou tem algum método que organize toda essa produção?

Sempre fui desenhista compulsivo! Tenho necessidade de ação o tempo inteiro, não nasci para o ócio, a lerteza ou a moleza. Falo rápido, penso rápido, ajo rápido e trabalho rápido. Pra por ordem na linha de produção chamo o Sargento Baraldi, um militar extremamente disciplinado e linha-dura que me acompanha onde quer que eu vá. É o meu “grilo-falante”, meu “guia espiritual” (risos).

Você é responsável pelo primeiro livro de cartuns a abordar corretamente a questão homossexual. Qual

sua relação com o meio e como você construiu o humor sem apelar para os estereótipos do gênero?

Quando eu entrei na profissão bottei na minha cabeça que, pra ser bem sucedido, eu ia ser um profissional “pau pra toda obra”, ou seja, não ia ficar com frescurada nem discriminar público nenhum. Por isso entre meus 500 empregos, trabalhei pra revistas GLS e pra uma editora chamada Edições GLS, ligada à editora Summus. Lá eu illustrei o site e vários livros para o público gay e lésbico. Até que um dia a editora, a Laurinha Bacellar, me propôs fazer um livro só de humor GLS e eu topei. Aí juntamos dois terços do livro com cartuns que eu produzi para esse público e um terço com uma personagem que criamos juntos, a lésbica caminhoneira *Pit-Bull Tina*. Ela escrevia as crônicas da personagem e eu ilustrava. Então ficou um livro bem homo(ops!)gêneo (risos)! O lançamos em 2002 e foi bacana porque foi o primeiro livro de cartuns GLS politicamente corretos do Brasil. É tudo muito engraçado e criativo sem ser agressivo com o público homossexual, muito pelo contrário, tratando-o com dignidade. Tem gente que acha que ser politicamente correto é sinônimo de chatice e panfletarismo. Não tem nada a ver, isso depende da criatividade e competência de cada um. Vai do nível mental e *feeling* do artista. Tanto é que esse livro entrou na *Biblioteca dos Quadrinhos*, do Gonçalves Júnior, que rasgou uma seda pra ele e o considerou um livro realmente

inovador e pioneiro. Tem muito cara com mais estrada e mais livros que eu que não entrou nessa Enciclopédia do Gonçalves.

E o público reagiu super bem, lembro que na época eu recebi o pagamento em livros. Eu sozinho vendi uns quatrocentos livros e fiz um dindimzinho pra mim (risos)!

Você trabalha para públicos segmentados, como o público de rock, o de jogos eletrônicos, o público homossexual. Tem como medir o retorno desses públicos? Você trabalha com grandes ou pequenas tiragens?

Só pequenas tiragens, dois mil exemplares de cada livro. Acabou, eu imprimo mais dois mil. Hoje em dia é assim pra todo mundo! Acho

que nem o Paulo Coelho vende mais 50, 100 mil exemplares como chegou a vender.

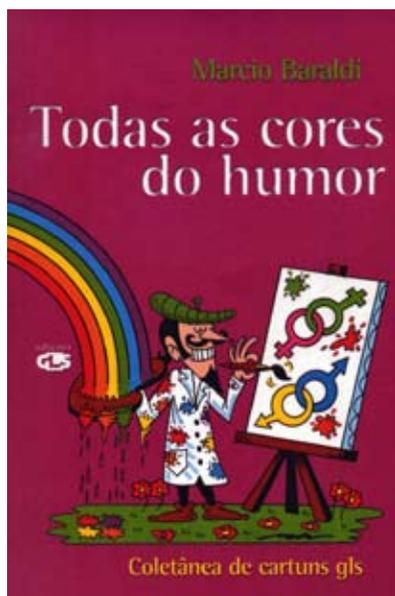
Meu retorno é através dos zilhões de cartas, emails e scraps do orkut que recebo todo dia. Sem falar dos cumprimentos que recebo pessoalmente. Onde eu vou encontro alguém que conhece meu trabalho de alguma publicação e gosta dele. A minha maior recompensa é esse reconhecimento, esse carinho. Não imagino que eu vá ficar trilionário vendendo livros no Brasil.

Como se dá seu contato com o público?

Eu faço como o Tio Milton ensinou e vou onde o povo está (risos)! Faço muito lançamento e vai muita gente, fico conhecendo zilhões de pessoas. Além disso, hoje em dia tem a internet, com ela já arrumei fãs pelo mundo todo. Já recebi e-mail do Japão, Argentina, Inglaterra, já recebi cartão postal de uma espanhola doida que gostou das minhas HQs eróticas (risos)! Enfim, com a internet o mundo ficou pequeno, todo mundo acaba conhecendo você e seu trabalho.

Qual foi a reação mais passional ou pitoresca do público em relação ao seu trabalho?

Já ganhei toalha de banho bordada com meu nome (risos), livros, bombons, CDs, flores, cartinhas



Capa do livro de cartuns *Todas as cores do humor*, com temática homossexual

apaixonadas (risos)! Camisetas já ganhei zilhões, tô quase abrindo uma loja (gargalhadas). Enfim, é bom saber que meu trabalho desperta bons sentimentos, e até paixões, nas pessoas. Eu sempre quis fazer um trabalho com visual e conteúdo positivos! Não sou um cara negativo, pessimista, e nem quero contaminar as pessoas com uma energia ruim dessa.

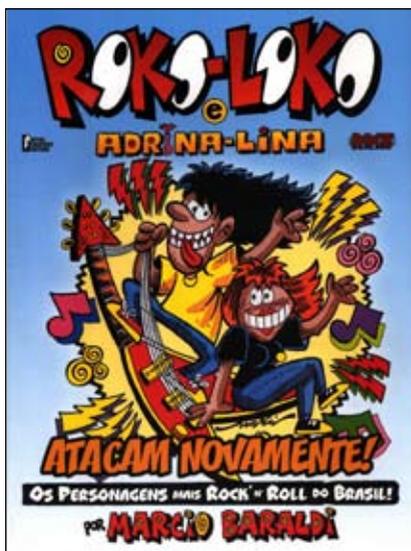
Você conquistou vários prêmios Ângelo Agostini de melhor cartunista e melhor lançamento em 2003 e 2004 com os álbuns Roko-Loko e Adrina-Lina. O que isso representa em sua carreira?

Eu já ganhei sete *Ângelo Agostini*, dois *Vladimir Herzog* de Direitos Humanos, um *Humor Popular* e acabo de

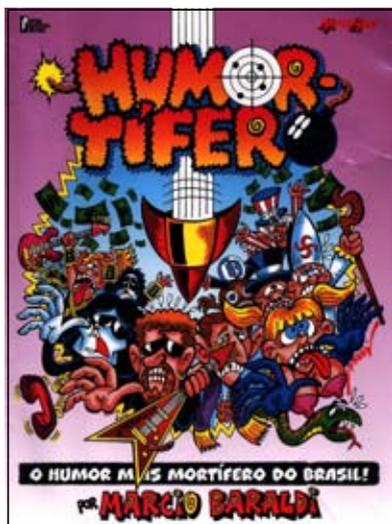
ganhar o prêmio *GRC* de música independente, pelo meu cartum totalmente engajado à música independente, sobretudo o rock, brasileira.

Esses prêmios todos me soam como uma recompensa pelos zilhões de sacrifícios que eu fiz e faço nessa profissão que, no Brasil, não é das mais fáceis. Sempre trabalhei muito e sempre apostei e investi em mim mesmo. Sou meu melhor amigo nessa vida!

Os prêmios me dão mais moral no mercado e aumentam minha autoestima, me dão a certeza de que não trabalhei tanto em vão. As pessoas estão vendo a trajetória que eu construí e estão me cumprimentando e homenageando por isso. Fico feliz e espero ganhar muito mais (risos)!



Roko-Loko e Adrina-Lina e Humortífero, álbuns aclamados pelo público e pela crítica





Você tem uma extraordinária habilidade em lidar com o mercado. Como você faz a promoção de sua obra, que estratégia utiliza para a massificação de seu trabalho?

Cara de pau (risos)! Eu costumo brincar que nasci pobre, mas Deus me deu muita saúde, algum talento e muita cara de pau pra vender meu trabalho. Nasci numa família duranga, desestruturada e muito infeliz. O lado bom disso é que aprendi a ser independente e correr atrás de um futuro melhor muito cedo. Com 11 anos comecei a trabalhar e nunca mais parei! Muitos caras que eu admiro passaram pela mesma trajetória difícil: Chaplin, Walt Disney, Gene Simmons (do Kiss), Marlon Brando. Eu gostava de ler a biografia desses caras e tentava aprender algo com eles. Aprendi a ter respeito por mim mesmo, a bloquear qualquer contato com gente ou coisas negativas. Rompi com a família, com namoradas inúteis e “amigos” parasitas. Não fumo, não bebo, não uso drogas, sempre fiquei distante dessas porcarias. Me concentrei radicalmente no trabalho pois saquei que era meu salvo-conduto para sair da pobreza e da tristeza. Quando eu vendo minha

obra pro público ele sabe que estou vendendo algo honesto e positivo. É um trabalho transparente, através do qual dá pro leitor ver a minha cara nitidamente! Enfim, eu vendo meu trabalho com prazer porque realmente acredito nele!

Pela velocidade de sua produção, suas idéias não chegam a ser guardadas na gaveta. O que vem por aí, de repente?

Recentemente saiu *Roko Loko REMIX*, nova versão do game com DVD. E o livro *Humortífero*, coletânea de HQs da revista *Metalhead*. Depois vem o livro e exposição dos 25 anos de imprensa sindical do Baraldão. E mais um monte de coisas. Como diriam os poetas do rock'n'roll: “O tempo não pára!” e “Sempre em frente, não temos tempo a perder!”

Sucesso e saúde a todos! Longa vida a você, à Marca de Fantasia e à Top! Top!

www.marciobaraldi.com.br

Entrevista concedida a Henrique Magalhães em agosto de 2007.

APROVADA OPERAÇÃO DE MUDANÇA DE SEXO



● NOITE COMEÇANDO...

'A NOSSA SAÚDE!



● ... NOITE TERMINANDO!

'A NOSSA SAÚDE!



COM CAMISINHA A NOITE SEMPRE TERMINA BEM!

1º DE DEZEMBRO: DIA MUNDIAL DE COMBATE À AIDS





40 ANOS DO GOLPE MILITAR



ROKO-LAKO

O SONHO NÃO ACABOU! (ELE AINDA ESTÁ APENAS COMEÇANDO!)

por MARCIO

IMAGINE TODOS OS PAÍSES VIVENDO EM PAZ...



IMAGINE NÃO HAVER MISÉRIA, NEM GANHANCIA OU FOME...



IMAGINE NÃO EXISTIREM PAÍSES EXPLORANDO OUTROS...



NEM MOTIVOS PRA MORRER OU PRA MATAR ALGUÉM...



IMAGINE UM MUNDO FRATERNO ONDE TODO MUNDO COMPARTILHE TUDO...



VOCÊ PODE ME ACHAR UM SONHADOR, MAS EU NÃO SOU O ÚNICO...



ESPERO QUE UM DIA VOCÊ SE JUNTE A NÓS...



... E ENTÃO O MUNDO SERÁ UM SÓ !!!



BASEADO NA MÚSICA "IMAGINE" DE JOHN LENNON



DÊ UMA CHANCE À PAZ!



XÔ, SATANAS!

por MARCIO



NEVERMIND

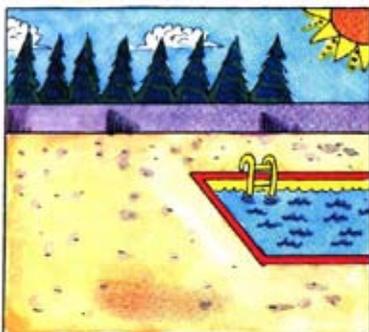
POR MARCIO



ESSA FOTO VAI FICAR EXCELENTE, RAPAZES! JUNTEM TUDO E VAMOS JÁ PRO LABORATÓRIO REVELA-LA!..



NÃO ESQUEÇAM NADA, HEIM ???



DIVINA COMÉDIA

FOR
MARCIO



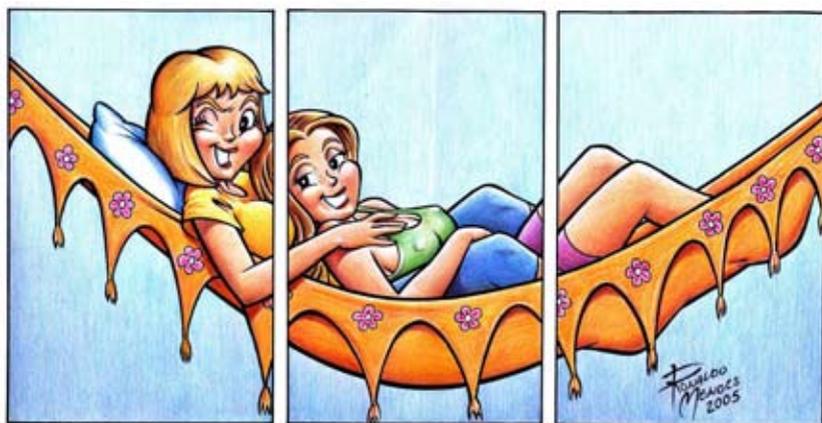
À controvérsia, as conquistas

2007 foi, sem dúvida, um ano do qual podemos tirar muitas lições para nosso modesto empreendimento editorial. Algumas conquistas inegáveis e um revés inesperado marcam a trajetória da editora, que continua em sua caminhada pela divulgação, estudo e resgate dos bons quadrinhos brasileiros.

O início do ano nos trouxe a grata surpresa da conquista do prêmio Angelo Agostini em duas categorias, a de melhor roteirista, para Anita Costa Prado e de melhor lançamento, para seu álbum **Katita, tiras sem preconceito**, lançado em 2006. A personagem *Katita* – primeira no Brasil a tratar exclusivamente da questão homossexual feminina – é de autoria

de Anita, mas contou com a indispensável participação de Ronaldo Mendes na representação gráfica.

Sem dúvida, a conquista desses dois prêmios beneficia a difusão do trabalho de Anita e, por consequência, a divulgação de nosso trabalho editorial. Alguns leitores certamente conhecem minhas reservas com relação a qualquer das premiações



O premiado
álbum de
Anita



praticadas no país, que embora sejam bem intencionadas, são amplamente questionáveis. Não ponho em dúvida, em absoluto, o merecimento do trabalho de Anita, nem dos outros laureados com o prêmio Angelo Agostini. A iniciativa é louvável, no sentido de prestigiar a produção nacional de quadrinhos e a promoção de nossa arte. Tanto este quanto o HQ-Mix, o DB-Artes e o Prismarte, entre outros, vale pelo esforço de chamar a atenção para os quadrinhos brasileiros, valorizar os mestres quase esquecidos e muitas vezes relegados e alardear com ênfase os jovens que abrem fronteiras para nossos quadrinhos.

Como todo processo de premiação, contudo, não se prescinde os vícios da consulta, por mais que se tente ampliar a participação do público em busca de uma mítica democratização. A este processo não se procura considerar a fragilidade da maioria das publicações independentes, que são

lançadas com tiragens restritas e de difícil circulação. Não dá pra nivelar numa mesma avaliação um lançamento de ampla difusão nos grandes centros com uma revista independente lançada no interior de qualquer cidade periférica desse imenso país, cuja difusão não passa de algumas dezenas de exemplares dirigida aos aficionados. O processo “democrático”, neste caso, torna-se perverso, onde pode mais quem teve mais grana para lançar sua publicação e colocá-la em mais pontos de venda.

Talvez – e aí eu serei mais um entre tantos a sugerir o aperfeiçoamento do processo e que não me surpreenderia estar equivocado –, o mais justo fosse a fórmula empregada no Festival Internacional de Bande Dessinée d’Angoulême, na França, que têm uma grande tradição na área. Lá, a categoria “Fanzine”, por exemplo, recebe 11 exemplares de cada publicação que deseje participar do prêmio, cuja apreciação se dá por uma banca de notáveis que terá acesso a todas as publicações a ser julgadas. Os festivais de cinema procedem do mesmo jeito, sem o prurido de se considerar menos democráticos. Equívocos e injustiças quanto ao mérito dos premiados sempre acontecerão, no entanto não se pode dizer que a apreciação não teve por base a igualdade de acesso às publicações.

Enfim, uma vez premiados, não podemos nos dar ao luxo do menosprezo esnobe de tão honrado reconhecimento. E Anita mereceu de

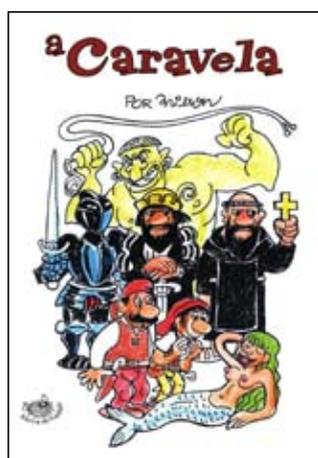
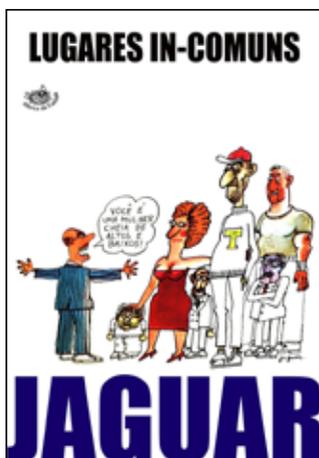
fato seu prêmio, pela obra em si e em grande parte pelo esforço hercúleo – empreendido pela própria autora – na divulgação de sua obra.

Um senão, talvez, que se possa apontar nesse processo, foi o quase desconhecimento pela organização do Prêmio Angelo Agostini do empreendimento iniciativa editorial. Costuma-se valorizar os autores, os lançamentos – vinculados à obra do autor –, mas não se dá ênfase ao fazer editorial. Na categoria de melhor lançamento, por exemplo, não se poderia deixar de reconhecer a iniciativa da editora Marca de Fantasia, que acreditou no trabalho de Anita, cujo processo editorial foi fruto de um diálogo permanente e de amadurecimento, até se chegar ao produto. Esse tipo de iniciativa, ainda tão incipiente em nosso país – a de formação de um circuito editorial independente – deveria ser valorizada pela importância que ela pode ter

para, inclusive, a consolidação dos quadrinhos nacionais, em contraponto ao excludente mercado editorial.

A boa aceitação da editora Marca de Fantasia tem despertado a atenção de inúmeros jovens quadrinistas e outro tanto de acadêmicos, que vêm em nossa proposta o local ideal ou mesmo a única trincheira para a divulgação de suas obras. Como somos uma editora de um quixotesco homem só, por vezes me sinto paralisado por tanta demanda. Não param de chegar originais de pesquisas e outros trabalhos acadêmicos e propostas de parcerias para publicação de quadrinhos, o que gera uma grande dificuldade de gerenciamento – até mesmo para a leitura dos originais –, mas que é muito bom.

Pra tentar dar ordem a esse fluxo, a cada ano procuro organizar um cronograma de publicações, tentando dar prioridade aos trabalhos relevan-

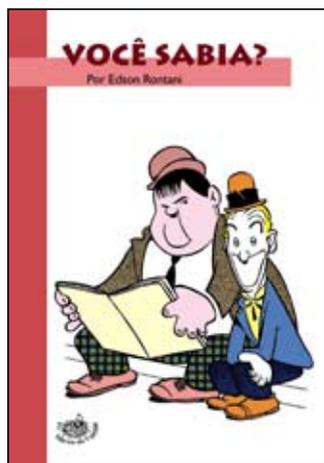
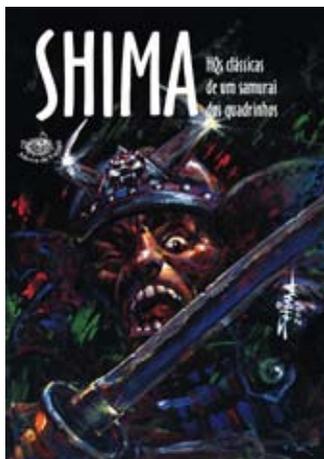


O resgate da obra
dos mestres na
Coleção *Biografix*

tes e que obedeçam à ordem de chegada. Mas é preciso dizer que muitos fatos acabam atropelando esse cronograma, com propostas provocativas e inovadoras ou com os rumos inusitados que o dinamismo empírico da editora inevitavelmente vem a passar. É bom lembrar que a editora é um trabalho amoroso – pra não dizer que é um *hobby*, palavra tão vulgar e descompromissada, ou *passatempo*, que se contrapõe ao esforço e ao trabalho.

O ritmo que pretendo imprimir à editora é de uma publicação por mês, período ideal para o desenvolvimento de um projeto editorial, da editoração à impressão, encadernação, divulgação, e venda. Mas o objetivo é ir bem além, abrindo brechas entre uma publicação e outra aos projetos que surgem e que são inadiáveis.

Desse modo, não é raro que em alguns anos cheguemos a editar até 16 publicações, o que é considerável para



a estrutura com que trabalhamos. E aqui se justifica o uso do verbo no plural. Embora a parte operacional seja toda minha, em termos conceituais não podemos desconsiderar a participação dos autores na elaboração de seus livros, bem como as parcerias, a exemplo de Edgard Guimarães, na *Coleção Das tiras coração* e Wellington Srbek na *Coleção Biografix*, que ajudam a pensar e a construir nosso projeto editorial.

O senão da temporada ficou por conta de **Lugares in-comuns**, de Jaguar, que abriria a *Coleção Biografix*. Esta coleção propõe o resgate da obra dos mestres, trabalhos imprescindíveis para a memória e para o conhecimento das novas

gerações de quadrinistas e leitores. Por admiração pessoal, o trabalho de Jaguar sempre me foi uma referência incontornável. Cresci e amadureci lendo os jornais da imprensa alternativa, onde o *Pasquim* teve papel dos mais relevantes. Em paralelo aos jornais, alguns livros, álbuns e revistas foram lançados, compilando

os cartuns e quadrinhos publicados. *Lugares in-comuns* foi um dos títulos que sempre considerei genial, pela derrisão de seu humor justamente no período onde a ordem do dia era o engajamento político.

Conforme exposto amplamente nos sítios especializados em quadrinhos na internet, um grande contratempo aconteceu exatamente no momento do lançamento da nova edição de **Lugares in-comuns** pela Marca de Fantasia. Quebrando um acordo de cavalheiros – romantismo, reconhecimento, próprio de um tempo em que a camaradagem era palavra de honra entre os que estavam na mesma luta –, Jaguar, endossou a postura intransigente e grosseira da diretora da editora Desiderata, que proibiu a veiculação do álbum, alegando possuir os direitos autorais de toda a obra do

autor. Inqualificável queda de braços entre uma editora do mercado e uma minúscula editora independente, que contou com a desvantagem de o próprio autor ter se posicionado a favor do ambicioso mercado editorial, que não passa de uma ilusão delirante.

Ao contrário do que se poderia esperar, e apesar da frustração, a *Coleção Biografix* ganhou fôlego, contando com a participação generosa e prestigiosa de grandes nomes de nossos quadrinhos. O número 2 da coleção republicou **A Caravela**, de Nilson, trabalho genial de tiras humorísticas que reinterpreta a aventura das grandes navegações. Anteriormente essa série de tiras fora editada por Wellington Srbek e pela editora Crisálida, mas que estava com a edição esgotada. O trabalho de Nilson, com esta nova edição, estará sempre em circulação, servindo de referência pela qualidade e pela importância para nossos quadrinhos.

O número 3 da *Coleção Biografix*, **Shima: HQs clássicas de um samurai dos quadrinhos**, trouxe uma amostra dos primeiros trabalhos de Julio Shimamoto, publicados nas revistas de terror do final dos anos 1960 e início de 1970. Sua publicação, que contou com total engajamento do autor, foi um trabalho de recuperação de uma obra que se encontrava em vias de desaparecer pelo desgaste do tempo sobre o papel. Das HQ, só restavam antigas revistas amarelecidas, que precisaram de um trabalho cuidadoso de recuperação para torná-lo legível



Em *Arlequim*, uma releitura das histórias infantis

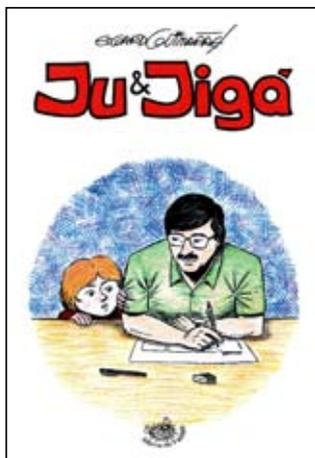
numa nova edição. A publicação ficou um primor, que honra a editora e faz um mimo ao grande autor.

Outra homenagem seminal foi reunir numa publicação as páginas de curiosidades ilustradas de Edson Rontani. Como todos sabem, Rontani é considerado o “pai” de nossos fanzines, tendo lançado em 1965, em Piracicaba, o boletim *Ficção*, dando início a esse tipo de publicação especializada em quadrinhos no país. Seu trabalho autoral, contudo, restava desconhecido ou muito localizado, tendo sido veiculado apenas em sua cidade. Com humor e boas ilustrações, o número 4 da *Coleção Biografix* apresenta o álbum **Você sabia?**, com pequena mas significativa parte da grande obra autoral de Rontani.

Na produção de quadrinhos tivemos ainda a publicação de **Arlequim: a hora de se fazer a fantasia**, de Roberto Holanda & Renato Holanda. A obra é uma revisão das primeiras histórias da personagem *Arlequim*, publicada em fascículos por Roberto Holanda. A edição do álbum foi uma sugestão de Edgard Guimarães, que, como nós, viu um grande potencial criativo nos quadrinhos dos Holanda, pela estrutura inovadora da narrativa e pela releitura de personagens dos contos de fadas e da literatura infantil.

Pela *Coleção Das tiras coração*, que apresenta as séries de tiras de autores de todo o país, saiu mais um título. Edgard Guimarães nos brinda com um trabalho majestoso e sublime, com as personagens que ele criou para

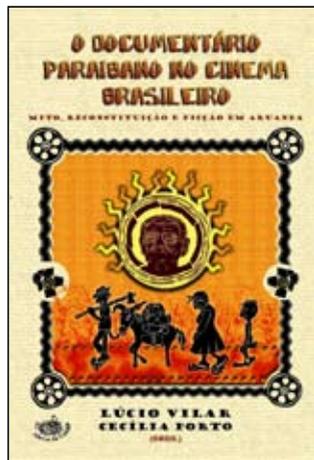
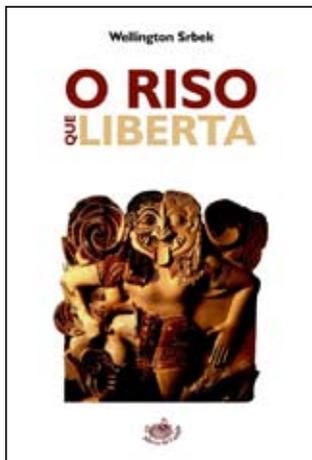
o jornal da Academia Brazopolense de Letras e História. **Ju & Jigá** é um dos títulos mais interessantes da coleção e traz como apêndice uma instrutiva reflexão sobre a criação de personagens.



Toda a sensibilidade de Edgard Guimarães nas tiras de *Ju & Jigá*

Os livros teóricos são uma das vertentes mais importantes da editora, em particular pelo pouco interesse do mercado em investir no setor, malgrado o potencial que apresenta. Voltada para os estudos de Comunicação e Artes, a *Série Veredas* traz mais dois títulos: **O riso que liberta: ou as origens da caricatura**, de Wellington Srbek; e **O documentário paraibano no cinema brasileiro: mito, reconstrução e ficção em Aruanda**, de Lúcio Vilar & Cecília Porto. O livro de Wellington faz um competente ensaio sobre o riso por meio de re-

Ensaio sobre
Comunicação e Artes,
na Série *Veredas*



visão da bibliografia especializada. Este trabalho foi a fundamentação teórica de sua tese de Doutorado. Já o livro de Lúcio Vilar & Cecília Porto agrupa artigos de vários autores com reflexões sobre uma das obras mais importantes do cinema brasileiro, considerada como deflagadora do movimento Cinema Novo.

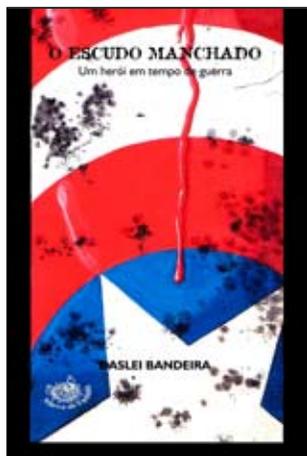
A grande vedete da editora continua sendo a *Coleção Quiosque*, de estudos sobre História em Quadrinhos e Cultura Pop. A procura por esses pequenos ensaios tem sido o corolário de que os quadrinhos ganham cada vez mais importância na academia e que essa expressão consolida seu caráter de arte. Pela coleção

saíram **Quadrinhos & outros bichos**, de Wellington Srbek; **O escudo manchado: um herói em tempo de guerra**, de Daslei Bandeira; e **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**, de Marcos Nicolau. Estes são títulos que abordam diversos aspectos das histórias em quadrinhos, seja em seu conteúdo político, seja em sua própria linguagem.

Por fim, tivemos duas edições do fanzine **Top! Top!**, publicação dirigida ao estudo e à promoção das histórias em quadrinhos. O número 22, de março, trouxe uma entrevista com Klévisson Viana, incansável quadrinista dublê de cordelista,



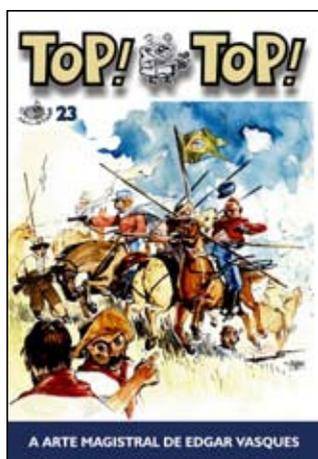
A *Coleção Quiosque*
mantém firme sua
preferência



O estudo sobre os quadrinhos reforçam a Coleção Quiosque

que faz de sua arte uma militância permanente e criativa. Já o número 23, de agosto, faz um balanço da obra de Edgar Vasques, grande quadrinista autor de *Rango*, célebre personagem de tiras humorísticas que bradava com bravura contra a fome e as injustiças. Mas, como se vê no fanzine, o trabalho de Vasques tem uma dimensão muito maior que sua personagem de quadrinhos, que é imprescindível conhecer.

Já a edição que você tem em mãos, desfrute-a. Ela entrará no balanço deste ano.



O fanzine *Top! Top!* é nosso veículo de informação e estudo

Quadrinhos pernambucanos em evidência

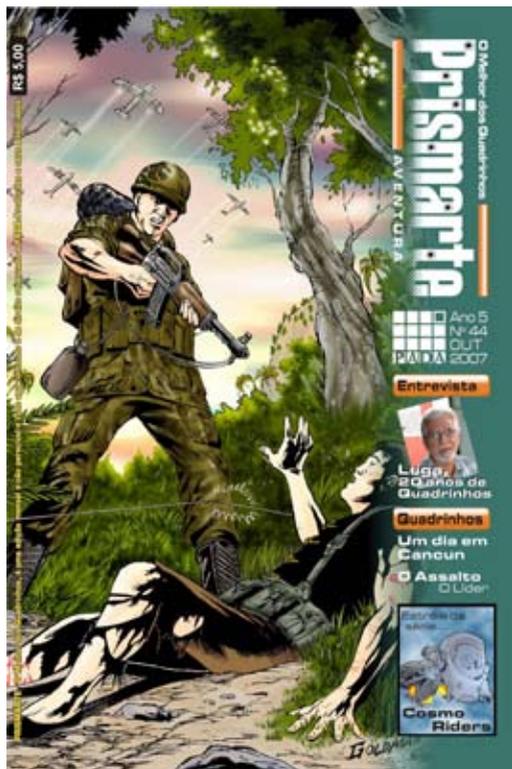
Os quadrinhos brasileiros sofrem com o descaso das grandes editoras e quando conseguem com teimosia ganhar forma impressa ainda têm que driblar o menosprezo da imprensa. Quando as publicações são independentes ou regionais, então, dificilmente merecem o olhar crítico que valha ao menos uma resenha.

Eventualmente, para dar um tom meio moderninho, os jornais abrem espaço para notícias sobre quadrinhos, quase sempre sobre o lixo da produção estadunidense, importado de forma massiva em nosso país. De Recife, ouvimos o brado de José Valcir, que questionou o diário *Folha de Pernambuco*, que no dia 3 de janeiro de 2008 publicou, no caderno Programa, a matéria “Ano começa com boas HQs

nacionais”. O que poderia parecer de bom tom, afinal se trata de notícia sobre os quadrinhos brasileiros, contudo demonstra uma

espécie de servilismo, quando não ignorância, da imprensa pernambucana à indústria cultural do Sudeste do país.

Em seu protesto, Valcir diz sentir falta de um olhar mais para den-





tro, mais voltado à produção local e descobrir (ou redescobrir) quem faz acontecer em Pernambuco. Não sem razão, a cena dos quadrinhos pernambucanos tem se firmado pelo trabalho exaustivo do grupo Pada (Produtora Artística de Desenhistas Associados), que reúne um pessoal entusiasta e muitíssimo criativo. Além de exposições, maratonas de desenho e prêmios atribuídos aos artistas da área, há mais de 20 anos o grupo vem editando quadrinhos, com destaque para a revista *Prismarte*, reconhecida no meio independente nacional como uma das melhores pu-

blicações do gênero.

A *Prismarte* nasceu como canal de expressão de um grupo de artistas associados, mas logo abriu espaço para outros quadristas, ampliando seu campo de atuação. A revista, que se mantinha com periodicidade mensal, este ano passará a ser bimestral e contará com a participação de novos e grandes nomes dos quadrinhos nacionais, a exemplo de Allan Goldman (que assinou a capa da última edição), Luga, Wilson Vieira, Bira Dantas, Alexandre Lobão, E. C. Nickel, José Henrique, Luciano Félix, Téo Pinheiro entre outros. A *Prismarte* traz ainda entrevistas e notícias sobre quadrinhos, transformando-se num veículo essencial para o fomento da arte no estado.

Valcir relembra que a Pada nasceu em 1984 e começou a editar a *Prismarte* até 1993, quando parou para reestruturação. Em 2003 a revista voltou e continua saindo até hoje, com 45 edições. Em 2004 o grupo passou a premiar os melhores quadristas que publicam na revista, contando com a participação do leitor na escolha. A primeira edição do evento ocorreu no Maman (Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães) e atualmente acontece na Livraria Cultura, sempre no mês de abril. Em 2008 o prêmio será estendido a todos os quadristas, pernambucanos ou não, como forma de fomento à produção de quadrinhos no estado.

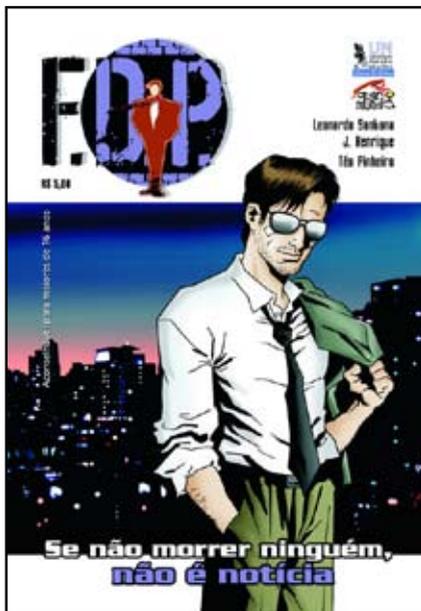
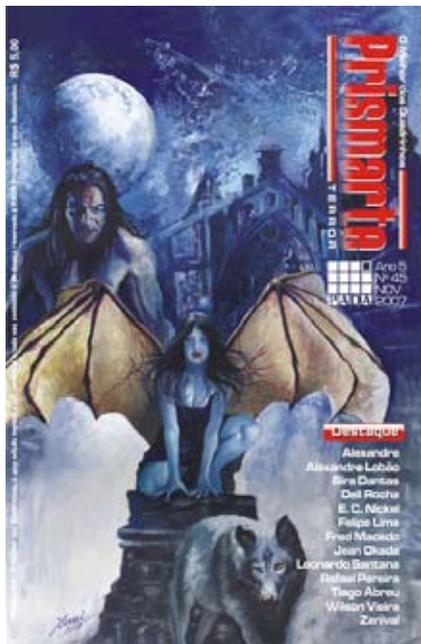
Além da *Prismarte*, outros lançamentos ganham evidência entre os leitores, mas que do mesmo modo não chegam às páginas dos jornais. Acaba de sair a revista *FDP* (Fernando Drummond Pessoa), editada por Leonardo Santana, José Henrique, Téo Pinheiro e o diagramador Will.

A revista *FDP* não fica a dever em produção às melhores revistas do mercado, mesmo sendo independente. Ela é toda em cores, papel couchê e formato “americano”. O que faz a diferença é o conteúdo, que não tem nada a ver com os manjados super-heróis ou a febre do mangá. A história conta as desventuras de um jornalista sem escrúpulos, cínico, que é caçado por um agiota, enquanto se mete em encrencas com seres paranormais. Segundo Valcir, é um trabalho diferente de um personagem cujas características se baseiam na malandragem do “jeitinho brasileiro”.

Se os meios impressos não noticiam os inúmeros lançamentos dos quadrinhos independentes brasileiros, que são um celeiro de criatividade e experimentação, resta aos artistas ganhar o meio digital, fazendo circular pela internet o que se produz em profusão. Vejam o trabalho dos pernambucanos nos sítios

www.prismarte.com.br
www.leonardosantana.com.br

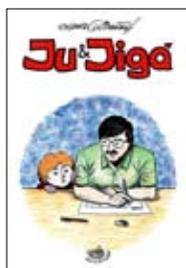
Texto baseado em informações de José Valcir e Leonardo Santana



JU & JIGÁ



JU & JIGÁ



Chamada Geral

Cartum

Nº 32, outubro 2007.

28p. 15,5x22,5cm.

Editor: Aldo Maes dos Anjos. Rua Nova Trento, 388. Brusque, SC. 88353-401.

revistascartum@gmail.com

Chega-se a um ponto que não dá mais pra esperar pela generosidade das editoras – que não existe –, pelo reconhecimento merecido do trabalho, por leis de incentivo ou qualquer outro mecanismo que não as próprias forças e coragem. É pegar as rédeas da história e se jogar na autoprodução. Certamente isso não resolve o problema do profissionalismo, mas quantos artistas ainda esperam viver de sua obra? Se não dá pra se dedicar integralmente à arte, que ela seja uma parte evidente de nossa expressão pessoal e cultural.

Foi, talvez, chegando a essa conclusão que artistas como Iotti, Cedraz, Emir Ribeiro, Wellington Srbek, André Diniz e Aldo dos Anjos resolveram editar suas próprias revistas e álbuns, compartilhando com o público suas inquietações e inventividade.

O trabalho de Aldo dos Anjos, com a revista *Cartum*, é um excelente referencial para os que pensam seguir este caminho. Já em sua 32ª edição,



a revista circula com 4000 exemplares, pagos pela inserção publicitária local. São anúncios de pequenas empresas e serviços situados na cidade de Brusque que dão sustentação a um projeto repleto de méritos, visto que se trata de uma revista que apresenta quadrinhos humorísticos de muito boa qualidade, feitos pelo próprio editor, com histórias que fogem ao clássico formato das tirinhas, ainda que ele também se saia muito bem ao faz-las.

Além dos quadrinhos, que são o forte da revista, temos ainda jogos, artigos

sobre curiosidades e cultura geral, dicas de saúde e outras utilidades formando o mosaico típico dos velhos almanaques. Este é mais um dado positivo da revista, que recupera um tipo de publicação que alia com eficiência o espírito de entretenimento com informação.

Malgrado uma certa saturação das publicidades nas páginas e, principalmente nas capas, *Cartum* merece todo o nosso reconhecimento como um empreendimento dos mais acertados. Vida longa à revista *Cartum*!

Gibizada

Nº 1, mar. 2004. 36 p. 16,5cm x 22cm.

Editor: José Salles. Contato: Rua Monte Alegre, 90/134. São Paulo, SP. 05014-000.

José Salles é bastante conhecido no meio independente pela edição de *Cultura Pop*, fanzine que divulgava o acervo do videoclube que ele mesmo dirigia em São Paulo. Outra de suas publicações foi *Eu e os filmes*, onde apresentava suas impressões acerca dos mais diversos lançamentos cinematográficos, a partir da escolha e do gosto pessoais.

Foi com este espírito “fanzine” – de opinião e crítica sobre um objeto de culto, em particular ligado a uma expressão artística – que José Salles lançou o *Gibizada*, voltado, como o próprio nome indica, às revistas de histórias em quadrinhos. E *Gibizada*

traz o mesmo tom coloquial e fluente de Salles, sua visão crítica aguçada, seu senso de humor peculiar, que são, sem dúvida, sua marca registrada.

Nesta primeira edição, José Salles rememora a época dos grandes lançamentos da Ebal (Editora Brasil-América Ltda, se é que alguém não sabe), quando do surgimento da era de prata dos super-heróis Marvel. Num tom recordativo, mas não nostálgico, ele relata as emoções do primeiro contato com essas revistas, que embalsamaram a fantasia de tantos adolescentes. Para enriquecer ainda mais a narrativa, ele procura situar aqueles momentos com os acontecimentos sociais da época, como o desenrolar da Copa do Mundo de 1974 e o impacto na vida do jovem leitor. Mas nem só os super-heróis fizeram a cabeça de José Salles. Ele discorre sobre a importância da revista *Grilo*



para a oxigenação dos quadrinhos no Brasil. A *Grilo* foi a porta-voz dos quadrinhos underground estadunidense e dos ousados quadrinhos europeus, tendo veiculado no Brasil os trabalhos de R. Crumb, Guido Crepax, Wolinsky entre outros.

Gribizada é um verdadeiro celeiro de informações, trazidas de forma convulsiva. Completando a edição, ele apresenta também alguns quadrinhos e desenhos no traço de Julio Shimamoto, Edu Manzano, Laerçon Santos, José Nogueira e Tércio Strutzel.

HQ Clipping

Nº 1, mar. 2004. 32 p. 16,5cm x 22cm.

Editor: Wilian Leandro de Paula. Rua Hebreus, 123. Ipatinga, MG. 35164-170.

HQ Clipping tem por objetivo fazer um apanhado de artigos sobre quadrinhos publicados em jornais, revistas e sítios na internet, podendo ainda trazer textos inéditos, como colaboração dos leitores. Este tipo de fanzine, essencialmente informativo, tem o mérito de difundir matérias jornalísticas que inicialmente tiveram sua publicação local, quase sempre em algum jornal de amplitude estadual. A republicação dessas matérias possibilita aos leitores espalhados por todo o país tomarem conhecimento de opiniões e críticas que de outro modo

lhes seriam inacessíveis.

O fio condutor do fanzine é as histórias em quadrinhos enquanto expressão artística. Sobre esse eixo, os textos são os mais diversificados possíveis, indo dos quadrinhos underground à análise de discurso; da trajetória dos super-heróis à influência do mangá no mercado de quadrinhos francês. Nessa miscelânea ganha o leitor, pela qualidade dos textos selecionados por Wilian e pela diagramação adequada, ou redesenho das matérias, já que reduzi-las respeitando o formato original as tornaria ilegíveis, como já se mostrou em outras experiências de fanzines do gênero.

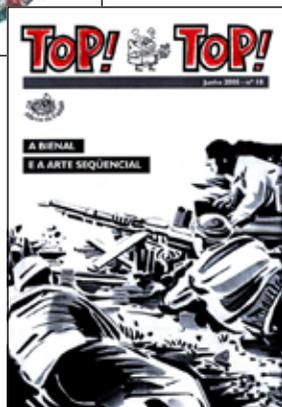


Nova onda

A nova onda dos fanzines é mais um trabalho seminal de sua autoria, inscrevendo mais um capítulo no rol das pesquisas sobre o fenômeno midiático “fanzine”, mais um ensaio que se torna obrigatório para qualquer um que venha a ter interesse em estudar o universo dos zines. O mais interessante é que, além do importante levantamento de dados históricos e das publicações mais relevantes, você recheia o seu texto com muitas curiosidades e meandros que permearam o fanzinato na última década, tornando a leitura fluida e prazerosa. O acabamento do livro, com a capa colorida, deu a ele um aspecto ainda mais profissional! Já estou curioso pra ver o seu outro ensaio que incluirá a questão das novas tecnologias, deve estar tão interessante quanto este.

Edgar Franco
Poços de Caldas, MG

Este trabalho, citado por Edgar, é a atualização de minha dissertação de Mestrado, enfocando a produção de fanzines a partir da década de 1990. O que trata das novas tecnologias gerou o livro A mutação radical dos



fanzines, lançado também na Coleção Quiosque, de nossa editora.

Influência

A matéria sobre a influência dos quadrinhos nas artes é o grande destaque do *Top! Top!* 18. O interessante é que os quadrinhos influenciaram as artes como, por exemplo, a arte pop. Roy Liechtenstein levou os

quadrinhos para as galerias de arte tendo as telas de grandes proporções como suporte. Acredito que desde então, apesar da perseguição de alguns, houve um interesse maior em fazer um estudo mais ampliado sobre a HQ.

Sidney de Carvalho
Salvador, BA

A influência dos quadrinhos nas artes, e não só nas plásticas, é um excelente tema para estudo. A contribuição de Gazy, ao identificar a linguagem dos quadrinhos na Bienal de São Paulo, foi uma boa demonstração disso, com a competência que lhe cabe.

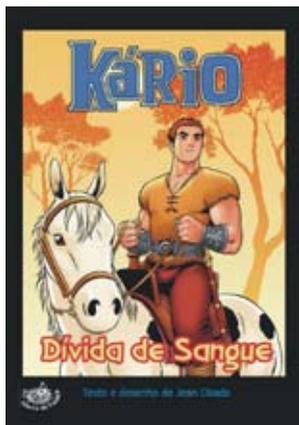
Obras-primas

No livro *Algumas leituras de Príncipe Valente* Edgard Guimarães, com sua escrita suave, nos deu (a nós principalmente, fãs do personagem de Foster) uma edição inesquecível. E o artigo complementar, sobre “o maior roteirista de HQ”, é muito informativo (eu nem sabia que ele havia trabalhado na editora Saber/Paladino) e bem-humorado. *Kário* é uma notável HQ. O autor Jean Okada, num universo fictício (mas fortemente inspirado na antiguidade) construiu uma história onde fala de temas muito atuais. HQ aventureasca e plena de espirituali-

dade, mais uma pequena obra-prima lançada pela Marca de Fantasia. Só senti falta de mais informações sobre o autor.

José Salles
Jaú, SP

Você tem razão quanto à qualidade dessas obras. Temos tido o prestígio de contar com verdadeiras pérolas produzidas por autores que se encontram ainda no meio independente, quando deveriam ter a oportunidade de ter acesso ao grande público. Talvez nem haja esse grande público para uns quadrinhos e ensaios de tanta qualidade e o nosso papel seja exatamente o de formá-lo. Você também tem razão sobre a falta de mais referências sobre Jean Okada, em Kário. Foi um deslize do editor.





Deslumbre

Fiquei soberbamente deslumbrado com a edição dos meus clássicos. Dá pra gabar que ficou uma edição bem porreta, e com capa dura e envernizada, ganhou status, feito pra colecionadores. Você e SrbeK estão de parabéns!

Imagino o trabalho que lhe deu recuperar as páginas que o tempo maltratou. Salles teve as mesmas dificuldades com o meu Gaúcho dos anos 60. A coletânea seguiu uma ordenação inteligente, onde se destaca a metamorfose nos traços dos inícios inquietos de minha carreira. Fiquei realmente muito honrado com o resultado do esforço de vocês. A capa então, reproduz com intensidade o original que pintei com tinta de

parede Suvinil látex, que uso para aproximar-me da técnica informal dos graffiti de rua, que de há muito invejo.

O seu trabalho com Marca de Fantasia é mais que meritoso, por abrir espaço para excelentes quadrinistas que se encontram de alguma forma marginalizados do limitado mercado para quadrinhos nacionais. Você abriu uma valente trincheira de resistência e guerrilha. Meus parabéns!

Sua atuação tem servido de exemplo pra muitas iniciativas no nicho dos independentes, ou alternativos como José Salles, Arthur Filho, Santana, Mello, e tantos outros. Agora vamos torcer para que a publicação tenha receptividade satisfatória, pois o nosso mercado não é muito generoso para o nosso gosto.

Shima

Taquara, RJ. Nov. 2007

Fiquei muito feliz com suas palavras, principalmente com sua satisfação ao ver nossa modesta edição. Seu trabalho é admirável e merece uma grande edição que o respeite e valorize. É uma pena que não tenhamos grandes editores no país que vejam nossa arte com a importância que ela merece. De nossa parte, procuramos fazer o melhor que podemos e nos sentimos honrados pelo prestígio de tê-lo no conjunto de nossa produção. Muito obrigado por sua atenção carinhosa.